



## UM OLHAR SOBRE A METODOLOGIA DO ENSINO DE FILOSOFIA: RELATO DO TRABALHO DE CAMPO NA DISCIPLINA ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM FILOSOFIA DA UFAL

Eixo-temático: Estágio Supervisionado

Edivaldo Vieira Barros  
Graduando do Curso de Filosofia/UFAL  
[edivaldovbarros@gmail.com](mailto:edivaldovbarros@gmail.com)

Orientadora: Elizabete Amorim de Almeida Melo  
Professora do Centro de Educação/UFAL  
[elizabete.amorim@yahoo.com.br](mailto:elizabete.amorim@yahoo.com.br)

**Resumo:** Este artigo trata sobre o trabalho de campo que foi realizado na disciplina de Estágio Supervisionado em Filosofia III, no segundo semestre de 2014, efetivado num período de cinco semanas, nos meses de setembro e outubro, numa escola de ensino público na rede estadual de Alagoas, da 14ª Coordenadoria Regional de Ensino. Na pesquisa qualitativa, coletamos vários dados relacionados à estrutura da escola, os profissionais envolvidos no processo de ensinagem, além das relações que os indivíduos envolvidos a instituição se propõem a realizar. Ainda, observamos, descrevemos e analisamos os conteúdos utilizados em sala de aula, assim como também, a metodologia que o professor do ensino de Filosofia utiliza em suas aulas. Mais adiante, discutiremos o embate entre teoria e prática no ensino de Filosofia, partindo do pressuposto de como se efetiva a teoria e sua aplicabilidade. O trabalho de campo objetivou estabelecer o contato do graduando do Curso de Filosofia da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) com o espaço de trabalho que este futuramente ira exercer. No decorrer deste trabalho, constatamos muitas dificuldades que o professor de Filosofia transcursar para aplicar suas aulas, tanto nas metodologias como a falta de alguns recursos. Percebemos, ainda, que muitos discentes buscam entender a disciplina, porém, uma maioria absoluta não dá a devida atenção ao que é trabalhado na sala de aula.

**Palavras-chave:** Estágio Supervisionado. Ensino de Filosofia. Relato de Experiência.



## 1 – INTRODUÇÃO

O presente trabalho propõe-se, entre outros objetivos, tratar dos assuntos que dizem respeito à pesquisa qualitativa que se desenvolveu na disciplina de Estágio Supervisionado em Filosofia III, a qual realizou um trabalho de campo em uma escola de ensino médio, na disciplina Filosofia, no segundo semestre do ano de 2014, com a duração de cinco semanas, em duas turmas, numa escola da rede estadual localizada na 14ª Coordenadoria Regional de Ensino.

Tendo como objetivo colocar o licenciando em contato com a realidade das escolas de ensino médio público do nosso Estado, onde futuramente ele venha a exercer a sua profissão (LORIERI, 2002; PIMENTA, 1997; MELO, 2014a).

Abordaremos sobre a observação e descrição dos dados coletados que se concretizou numa escola do ensino público, onde analisamos o ambiente escolar, o professor, os alunos, os conteúdos e as estratégias de ensino.

Em princípio, analisamos os dados observados sobre a escola que se constituiu em nosso campo de estágio, destacando a sua estrutura física, o material didático que dispõe, os demais recursos e meios disponibilizados pela instituição para que seja realizado o ensino com eficácia e dinamicidade.

Discutiremos acerca da relação professor-aluno e da situação socioeconômico dos discentes e de suas respectivas famílias. Assim como, a articulação dos vários organismos que a escola dispõe como a participação democrática, como preconiza a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394/96).

Trataremos das aulas observadas, quais seus problemas, além da formação do professor, que metodologias o docente está aplicando no processo de ensino-aprendizagem.

Dessa maneira, buscamos discutir como as aulas estão sendo ministradas no ensino de Filosofia, tendo como referência duas turmas do ensino médio. Ainda, ressaltaremos como se dar o embate entre teoria e prática, a partir de alguns teóricos.

## 2 – Conhecendo a escola como referência de observação do estágio

A escola de ensino médio observada está situada na 14ª Coordenadoria Regional de Ensino, na cidade de Maceió/AL. As séries – 1º ano e 2º ano – foram observadas a partir do



dia 19 de setembro a 17 de outubro de 2014. Sendo observadas apenas seis aulas, pois nos dias 03 e 10 de outubro não houve aulas, apesar do roteiro de estágio prescrever dez aulas.

A escola passa por problemas de gestão e falta funcionários para o desenvolvimento das atividades necessárias, ou seja, para que a educação escolar seja efetivada.

Assim como muitas outras escolas estaduais que perpassam por esses problemas que vamos chamá-lo de estrutural, acreditamos que não se faz educação escolar de qualidade apenas com o professor na sala de aula e a gestão administrativa. É necessário, para isso, o trabalho dos demais agentes e de condições materiais adequadas para que o processo de ensino-aprendizagem dê certo.

A escola dispõe de professores concursados e monitores contratados, que atendem a demanda da escola; possui também a equipe gestora. Entretanto, faltam agentes do serviço de apoio, pois são poucos.

Como afirma Ione Campos Freitas (2014), segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9.394-96), a gestão democrática escolar deve:

deve ser construído e mantido com a colaboração de toda a comunidade escolar, pais, alunos, professores, direção e funcionários da escola, para que assim a escola tenha conhecimento dos problemas da comunidade e a comunidade tenha conhecimento dos problemas ocorridos na escola, e principalmente que essa articulação possibilite melhoras e ganhos proveitosos para todo o meio escolar (FREITAS, 2014).

Analisando o artigo 14 da LDB, nos incisos I e II, quando refere-se a uma educação com o envolvimento de todos os agentes que compõem a instituição de ensino, podemos afirmar que alguns desses elementos faltam na escola visitada.

Em relação às aulas observadas, adiantamos que foi complicado o processo de compreender o que estava acontecendo na sala, tanto pelo pesquisador, quanto pelos alunos, que mal acomodados e com muito desconforto, não entendiam o que era dito pelo professor, que não tem uma forma organizada ou, pelo menos, um planejamento prévio do que seria transmitido aos alunos.

A escola visivelmente é bem estruturada, possuindo o andar térreo e o primeiro andar. Tem muito espaço, como: treze (13) salas de aula; uma (1) biblioteca que está sempre aberta, tendo uma pessoa responsável pelo local (professores desviados de função), para auxiliar os alunos em suas pesquisas; um (1) laboratório de ciência; um (1) auditório; um (1) pátio onde



acontecem as grandes manifestações da escola; uma (1) área aberta entre as salas de aula; uma (1) cantina; um (1) refeitório; uma (1) cozinha; e uma (1) área reservada para a gestão da escola.

A escola dispõe de alguns projetos ligados a Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) na disciplina de Filosofia e Geografia. Além, de recursos materiais para que as aulas sejam mais agradáveis, tais como: notebook, projetores de multimídia, som e microsystem.

A quantidade de alunos por turmas varia entre quarenta (40) a cinquenta (50) alunos. Nas séries observadas, a quantidade de alunos está na meta estabelecida pela escola. No 1º ano são de quarenta e dois (42) alunos, dos quais, no máximo, apenas trinta (30) participam das aulas. Já no 2º ano são quarenta e sete (47) alunos matriculados. Nessa turma, a participação de alunos é bem maior, tendo aulas em que comparecerem até quarenta (40) alunos.

O nível socioeconômico dos alunos da escola é resultado dos pais trabalhadores assalariados e autônomos, a maioria recebe bolsas do governo federal – bolsa família – e alguns dos alunos também trabalham. Porém, a grande maioria apenas estuda e realiza trabalhos domésticos.

Com relação à receptividade das aulas de Filosofia, constatamos que não são de bom grado, ou seja, os alunos demonstram não gostar das aulas de Filosofia. Durante as atividades do PIBID/Filosofia – estamos inseridos na mesma escola, realizando as atividades de estágio e do PIBID –, alguns alunos afirmaram que “não gostam dessa disciplina por ser chata e cansativa”. Eles disseram isso na própria aula.

Porém, com o trabalho que o PIBID/Filosofia começou a desenvolver juntamente com o professor da disciplina, percebemos pequenas mudanças acontecendo em alguns alunos, que demonstram interesse para se envolver mais com a disciplina.

O livro didático adotado pela escola é “Fundamentos da Filosofia”, de Mirna Fernandes e Gilberto Cotrim (Saraiva, 2010). Foi possível constatar que todos os alunos o receberam, porém, muitos não trazem nas aulas. O motivo alegado é que o livro é pesado e outros esquecem. Ainda há outro problema que faz com que os alunos não portem o material didático: o horário das aulas de Filosofia nessa escola, desde o início do ano letivo, foi mudada cinco vezes.



Seguindo o roteiro de observação disponibilizado pela professora de Estágio Supervisionado em Filosofia III (MELO, 2014b), foi possível desenvolver essa atividade – trabalho de campo – no período ora mencionado. É importante frisar que com este roteiro em mãos, a nossa labuta fora mais expressiva no que se refere a nossa pesquisa qualitativa.

Como salientam Ludke e André: “O pesquisador deve, assim, atentar para o maior número possível de elementos presentes na situação estudada, pois um aspecto supostamente trivial pode ser essencial para a melhor compreensão do problema estudado” (1986. p. 12).

Durante essa pesquisa podemos observar vários aspectos que são de grande importância para nossa futura profissão: ela possibilitou uma maior aproximação com o campo prático, ou seja, o cotidiano escolar, apesar de termos encontrado vários problemas como já mencionamos e vamos continuar discutindo ao longo desse trabalho.

### **3 – Descrição da observação em duas turmas do ensino médio**

Afora os dados coletados na pesquisa quantitativa com relação à estrutura e organização da escola nos diversos ambientes, também observamos seis aulas em duas turmas – 1º e 2º anos – do ensino médio, apesar de o roteiro de observação prescrever dez aulas.

O docente que nos acolheu graduou-se em Filosofia no ano de 1988, pela UFAL, também é formado em Teologia, por uma instituição evangélica. É concursado há dez anos na rede estadual de ensino e leciona Filosofia há dois anos, anteriormente instruía somente Ensino Religioso. Atualmente, ele divide seu tempo ensinando as duas disciplinas. Está na escola observada há dois anos e desde que chegou leciona Filosofia. Segundo ele, foi “convidado a ensinar nesta instituição por ter a graduação em Filosofia”.

Através das observações nas aulas, percebemos que o professor não tem pulso firme com as turmas e as aulas são ministradas sem um objetivo declarado. Nesse contexto, inclusive com a presença dos bolsistas do PIBID/Filosofia em sala de aula, os alunos não prestam muita atenção no que o professor expõe e as aulas terminam sendo cansativas e desgastantes. Muitas vezes, enquanto o professor está explicando algum conteúdo, alunos estão falando sobre outros assuntos e, até mesmo, fazendo trabalhos de outras disciplinas dentro da aula. Consideramos isso uma falta de interesse do aluno, mas também uma falta de respeito pelo professor.



A partir dessa experiência, percebemos que falta um procedimento metodológico que faça com que os alunos possam entender melhor os conteúdos filosóficos e didáticos da disciplina de Filosofia, que se constitui em uma matéria densa e intensa.

Nesta perspectiva, o ensino de filosofia basicamente em *transladar*, de alguma “forma”, parte dos saberes canonizados do campo filosófico ao mundo [...] dos estudantes. As características que esta “forma” pode adotar é o que comumente se chamou “metodologia” do ensino de filosofia (CERLETTI, 2004, p. 20).

Admitimos que durante as aulas ministradas pelo docente, não tivemos acesso ao seu plano de aula. Assim, tivemos a impressão de o trabalho se dar no imediatismo e/ou casuísticamente. Em certos momentos, ele (o professor) pediu que as aulas fossem ministradas por nós (bolsistas e/ou estagiários), afirmando que não havia preparado a aula para aquela turma, como segue no relato de aulas abaixo.

As aulas são realizadas em meio a uma confusão quase que generalizada, na qual os alunos não ouvem o que o professor transmite. Na maioria das vezes, o professor chega à sala e começa a aula com uma pergunta, como por exemplo, a aula do dia 19 de setembro de 2014, no 2º ano “A”, ele escreveu no quadro: “O que é metafísica?”. Depois, pediu que os alunos abrissem o livro didático adotado pela escola em uma determinada página e começou a ler e a explicar uns textos. Nesse momento, a maioria da turma continuava conversando sobre outros assuntos e o professor continuava, pacientemente, executando sua aula como se todos estivessem atentos.

Nesse contexto, cinquenta minutos parecem ser cinco horas, pois o conteúdo não consegue ser transmitido e muito menos pensado num ambiente de vulnerabilidade que acontecem essas aulas.

A primeira aula no dia 19 de setembro de 2014 e a terceira no dia 26 de setembro do mesmo ano, tiveram como tema a Metafísica aristotélica, partindo do livro didático.

Na segunda aula (19 de setembro de 2014), no 1º ano, o professor chegou atrasado, pois na aula anterior em outra turma, foi preciso fazer a chamada dos alunos. Percebemos que essa atividade (fazer a chamada) leva quase dez minutos para ser efetivada. Dessa forma, a aula de Filosofia que só tem uma hora aula semanal fica mais reduzida ainda.

Ele iniciou a aula (do dia 19 de setembro) tratando do tema “A Felicidade em Aristóteles”, com a seguinte pergunta: “Você é feliz?”. O fato do professor iniciar a aula com



uma pergunta é bastante positiva, pois a pergunta já pressupõe um pensar sobre a resposta. Porém, o professor não explicou que o tema da aula era esse. Assim, nessa sala, ele tentou realizar um debate, apesar de não dá muito certo, pois os alunos não tinham lido o texto. Então, ele resolve ler o texto com os alunos. Quando a aula estava perto de terminar, pediu para que os alunos continuassem lendo o texto em casa.

Percebemos o esforço do professor para dar uma boa aula de Filosofia, no entanto, ele não consegue e o debate não flui. Ele nem conseguiu explicar a concepção de felicidade em Aristóteles. Outro aspecto que observamos, é que o professor não trata do contexto histórico do filósofo citado. Por fim, pede que os alunos respondam o questionamento. Como isso não fica claro, os alunos têm dificuldade para realizar a atividade.

A quarta aula no dia 26 de setembro de 2014, também no 1º ano, foi tratado o tema sobre o senso comum. A aula foi iniciada com a seguinte pergunta “O que é senso comum?”. Através da observação atenciosa, percebemos que nessa aula, o professor conseguiu transformá-la em algo significativo, pois os alunos participaram e houve um diálogo entre o professor e os discentes.

As aulas dos dias 03 e 10 de outubro, que correspondem à quinta, sexta, sétima e oitava não ocorreram. As duas primeiras não aconteceram porque eram as vésperas das eleições presidenciais e as escolas onde teria votação, foram liberadas para limpeza e instalações das urnas eletrônicas. As demais não sucederam por problemas de saúde do professor.

A nona aula (no dia 17 de outubro de 2014), no 2º ano, foi estabelecido uma conversa informal, na qual foi colocada em xeque a eleição presidencial. Por um lado, o professor defendia o atual governo com alguns alunos, enquanto outra parte dos alunos defendia a oposição e uma terceira parte observava sem nada comentar. Não se percebia uma aula no sentido tradicional do termo, pois de fato não houve aula. O professor discutiu com alguns alunos, defendendo o governo Dilma e aconselhando-os a votar no PT, no entanto, os partidários tucanos, não gostaram e começaram a discutir. Foram muitos desabafos, porém não tinha nenhum texto filosófico que tratasse de política para sustentar as ideias e, dessa forma, a conversa não saiu do nível do senso comum.

Na décima aula que aconteceu no mesmo dia, só conseguimos compreender o tema da aula no final. Nesta aula, o professor perguntou “Quer dar esta aula?”. De imediato, nos



negamos a dar a aula porque não havíamos planejado nada. Mas, ainda questionamos ao professor: “O senhor planejou o que para aula de hoje?”. “Você acha que planejei?” foi o que ele respondeu.

O tema da aula era para ser aplicado aos alunos do terceiro ano, inclusive o docente declarou que a aula seria para os alunos do 3º ano, mas que iria adiantar ali. Inclusive pediu que uma das bolsistas do PIBID/Filosofia que estava na aula, procurasse a página do livro didático que falasse sobre “*ética*”. Começou a aula contando uma história. “Vocês sabem que eu sou médico?!”. Os alunos ficaram parados, uns discordaram de imediato e outros disseram que ele era médico. Daí o professor começou relatando um sonho que teve. “Passei a noite operando uma mão de um rapaz, que após a cirurgia, disseram que o jovem era ladrão de carteira”, afirmou ele. Depois, disse que essa história é verdadeira e que aconteceu com um amigo dele. E continuou: “Após o médico operar o garoto e ele melhorar, o médico pede ao recém-operado que quando passar por ele não o roube. E o paciente responde que é tão profissional quanto o médico”. Contudo, o professor questionou os discentes se “o que o médico fez é ético?”.

Com relação ao questionamento que fora feito, não explicou o que era ética para os alunos, ficando, assim, a questão problemática, solta e o objetivo da aula não ficou claro nem para os alunos da turma e nem para os bolsistas.

Durante algumas aulas, contribuimos com o professor, auxiliando os discentes em alguns questionamentos que o professor realizou e copiando no quadro. Foram boas essas pequenas participações nas aulas, mas também não tivemos uma participação ativa no processo de ensino-aprendizagem.

#### **4 – Discutindo a metodologia de ensino do professor**

Neste contexto que nos deparamos, constatamos que ensinar é concebido como uma forma de transmitir os conteúdos filosóficos. Porém, essa perspectiva tradicional não acontece em sala de aula.

Para Cerletti (2004, p. 24), ensinar ou trabalhar com conteúdos de filosofia pressupõe “um desafio filosófico”. Ele afirma ainda que é dever do professor preencher o vazio que se tem, tentando assim encurtar a distância que se apresenta entre a filosofia e o seu ensino. O





autor ressalta ainda que o essencial da filosofia é levar o aluno a pensar nas diversas formas de conhecimentos do mundo.

Em algumas aulas anteriores (antes das atividades do estágio), visto que participamos do PIBID/Filosofia na mesma escola pesquisada, nos deparamos com o professor fazendo um mesmo questionamento para todas as turmas que ele lecionava, com o objetivo de proporcionar ao aluno alcançar uma nota que faltava, ou seja, era uma atividade para atribuir nota, não para detectar a aprendizagem. A pergunta tratava da filosofia medieval, porém a questão não foi contextualizada e muito menos explicada o contexto histórico deste período.

É compreensível que a tarefa da Filosofia nessas aulas, muitas vezes, é simplesmente adquirir “notas”, não o interesse do objetivo final do ensino filosofia, ou seja, fazer com que o discente chegue a filosofar.

Gallo (2008, p. 177) afirma que, “O professor de filosofia, então, é aquele que faz a mediação de uma primeira relação com a filosofia, que instaura um novo começo, para então sair de cena e deixar que os alunos sigam suas próprias trilhas”. Nas palavras de Cerletti (2004, p. 41) “o professor tem uma tarefa fundamental: estimular a vontade” do aluno, instigando-o a pensar.

Outros problemas vigentes nas turmas pesquisadas são a falta de leitura por parte dos alunos. Neste ponto, o professor pede que estes leiam os conteúdos didáticos. Entretanto, quase sempre, não é atendido e isso faz com que as aulas, na maioria das vezes, seja apenas de teor explicativas, que é outro agravo para Filosofia.

Na visão de Rancière (apud Gallo. 2008, p. 170), o mestre explicador é “o pior de todos, é um embrutecedor, pois para ele o ensino não é uma forma de emancipação, mas de assujeitamento”. E Gallo (2008) afirma que o “ensino explicativo” é um risco de morte para a Filosofia. De tal modo, que esse tipo de professor, segundo Gallo, permite que seus alunos não o transcendam.

Como salientamos anteriormente, não podemos identificar com clareza qual a metodologia que o docente acompanhado utiliza nas suas classes. Segundo Lorieri (2002, p. 58), “não há como indicar conteúdos e conceitos a serem trabalhados em qualquer área, sem dispô-los em algum elenco ou listagem”. Contudo, as aulas observadas quase que consecutivamente começam com perguntas relacionadas ao tema que ele pretende trabalhar, mas não as planeja e não expõe os objetivos de forma clara.



Num olhar teórico acercar-se do eixo problemático que Gallo defende, baseado no filósofo Deleuze, se constitui no levantamento de questões com o objetivo de tentar conceituá-las. Entretanto, não é essa a perspectiva que observamos nas aulas do professor em questão, pois o mesmo não deixa claro os seus objetivos e finalidades em relação ao tema trabalhado. Por outro lado, o professor também não trabalha com o eixo temático, ao qual a Rodrigo (2009) defende.

Segundo o professor, as grandes dificuldades e desafios que tem em relação ao ensino de Filosofia são: “o tempo que tem cada aula, variando entre 50 minutos à uma hora, quando na maioria das vezes, se reduz à 50 minutos, causando atrasos no material que deveria ser visto ao longo do ano letivo; a falta de outros recursos didáticos, além do livro, que pudessem facilitar o processo de ensinagem (PIMENTA & ANASTASIOU, 2011); a participação dos alunos, que por sua vez não valorizam o que é ministrado por ele em sala; e maior participação da gestão, com relação à organização de horário e ordem na escola”.

## 5 – A teoria versus prática

A partir das observações feitas nas aulas de Filosofia em duas turmas do ensino médio, podemos perceber quanto fica distante a realidade do que se aprende na academia. Nas micro-aulas e exposições que apresentamos, vislumbramos um espaço que não encontramos quando vamos a “sala de aula propriamente dita”, tendo o contato direto com as diversas dificuldades que ali são enfrentadas por docentes e discentes. Porém, salienta Pimenta (1997, p. 94) “na educação como práxis social, a atividade teórica e a prática são indissociáveis”. Se elas não estão sendo efetivadas é pela falta de responsabilidade daquele que a media.

Conforme Pimenta e Lima (2004, p. 41), “A dissociação entre teoria e prática aí presente resulta em um empobrecimento das práticas nas escolas, o que evidencia a necessidade de explicitar por que o estágio é teoria *e* prática (e não teoria *ou* prática)”, além disso, as mesmas teóricas afirmam que “a atividade docente é ao mesmo tempo *prática e ação*”.

A prática se dar quando busco transformar a realidade, garantindo que se realize a aprendizagem e para que ela aconteça, é preciso ter objetivos. É necessário também



estabelecer as finalidades, pois são elas que farão com que a não-aprendizagem seja transformada.

Na escola pesquisada/observada foi nítida a falta de planejamento do docente e a sua desmotivação pela profissão, sobretudo, a angústia de saber que suas aulas não são significativas.

Segundo Pimenta (1997, p. 83), “a atividade docente é sistemática e científica, na medida em que toma objetivamente (conhecer) o seu objeto (ensinar e aprender) e é intencional, não casuística”. Com isso, é admissível compreender que após o conhecimento/teoria é possível transmitir a ensinagem/prática, assim fazendo uma mudança significativa na realidade histórica-social.

Nesse processo, o papel das teorias é iluminar e oferecer instrumentos e esquemas para análise e investigação que permitam questionar as práticas institucionalizadas e as ações dos sujeitos e, ao mesmo tempo, colocar elas próprias em questionamento, uma vez que as teorias são explicações sempre provisórias da realidade (PIMENTA & LIMA, 2004, p. 43).

Para transformar a realidade, não é suficientemente só ter a teoria, pois é mister que ela seja aplicada. “E é por esse viés que os materialistas se colocam, como Marx” (PIMENTA, 1997, p. 92) “não basta conhecer e interpretar o mundo. É preciso transformá-lo”. A prática tem a tarefa de utilizar o que foi posto pela teoria e fazer a sua aplicabilidade no contexto social.

Existe uma grande dicotomia entre a teoria e a prática, isto tanto no contexto acadêmico, quanto nas nossas experiências como docente. Há certo receio de que não dê certo aquilo (métodos aprendidos na academia) que vivenciamos na teoria, quando se trata em transformá-la em aprendizagem.

É por essa obliquidade que Pimenta (1997, p. 99) afirma que a teoria se vê a si mesma como tão onipotente sobre a prática. Parece-nos que a teoria sobre passa a prática. Quando na verdade elas se relacionam, a prática não é somente a aplicabilidade da teoria, mas um enriquecimento da teoria.

Rodrigo (2009) discute a preocupação de formulação de uma didática específica para o ensino de filosofia no ensino médio. Para a autora, essa discussão vem ganhando relevância a partir da década de 1970, além de outros teóricos como Gallo (2008) e Melo (2014) que se



dispõem a tratar do mesmo tema. Apesar de serem duramente criticados por alguns professores que não são da área da educação. Lembramos aos críticos que muitos filósofos não precisaram desse apetrecho para tratar dos diversos assuntos que a filosofia nos traz. Dentre eles, se destaca Kant (RODRIGO, 2009, p. 30), por afirmar que suas obras não estavam “ao alcance do leitor comum”.

Acreditamos que partindo desse ponto – didática/metodologia – é plausível transmitir com maior facilidade o processo de ensinagem, compreendo que a formação dos nossos alunos carece de maior cuidado, pois a realidade mostra o quanto é difícil trabalhar com alunos de nível socioeconômico tão baixo e, sobretudo, nas escolas da periferia. Nas palavras de Melo (2014), é mister que não baixemos os conteúdos filosóficos, mas elevemos nossos alunos a equiparar a eles.

## 6 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante de tudo que vimos no discorrer deste trabalho, podemos concluir que, no que diz respeito ao Ensino de Filosofia em Alagoas, principalmente na escola pesquisada, muito se tem ainda a aprender.

Muitas vezes essa disciplina é escantilhada nas escolas. Afirmamos isso baseados nas várias mudanças de horários da disciplina de Filosofia durante o ano letivo de 2014, causando prejuízos para o ensino.

Percebemos, ainda, como o ensino de Filosofia é deficiente, destarte, as possibilidades são inúmeras e, algumas vezes, são aproveitadas, mesmo com tantas dificuldades.

Entendemos firmemente que a disciplina de Estágio Supervisionado em Filosofia III, tem desempenhado o seu papel de ligar o estagiário-professor a escola que será futuramente seu campo de trabalho. Pois, é este contato que temos com o nosso futuro campo de atuação, colocando em prática o que se aprende na teoria. O estágio, nas palavras de Pimenta e Gonçalves (1990), é definido como atividade teórica que permite conhecer e se aproximar da realidade (apud PIMENTA, 2004, p. 45) . Ela, destarte, expõe que “é no contexto da sala de aula, da escola, do sistema de ensino e da sociedade que a práxis se dá”. Por meio dessa observação, poderemos traçar planos para nossas próximas ações pedagógicas.



São vários os pontos positivos e negativos que aqui queremos mencionar. Primeiro, notamos em alguns alunos o desejo de aprender, ao mesmo tempo, é nítido o desinteresse da maioria. A escola tem estrutura suficientemente para acomodar e dar um bom ensino, porém, faltam recursos humanos para tornar isso realidade. Os conteúdos filosóficos têm um grande campo de alcance, mas, falta o planejamento do docente para que ele seja de fato significativo.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Edivaldo Vieira. **Notas de Aula do dia 22 de agosto de 2014**: Disciplina Estágio Supervisionado em Filosofia III, ministrada pela Profª Elizabete Amorim de Almeida Melo. Maceió: Curso de Filosofia/UFAL, 2014. Mimeo.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em 03 novembro 2014.

CERLETTI, Alejandro A. Ensinar filosofia: da pergunta filosófica à proposta metodológica. *In*: KOHAN, Walter O. (Org.). **Filosofia**: caminhos para seu ensino. Rio de Janeiro: Editora DP&A, 2004. p. 19-42.

FREITAS, Ione Campos. **Democracia na Escola**. [Blog. 06-11-2014 – Internet]. Disponível em: <<http://democracianaescola.blogspot.com.br/>> Acesso em: 06 novembro 2014.

GALLO, Sílvio. Para além da explicação: O professor e o aprendizado ativo da filosofia. *In*: KUIAVA, Evaldo Antônio; SANGALLI, Idalgo José; CARBONARA, Vanderlei (Orgs.). **Filosofia, formação docente e cidadania**. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2008. p. 168-179.

LORIERI, Marcos Antônio. **Filosofia**: fundamentos e métodos. São Paulo: Cortez, 2002.

LUDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A.. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MELO, Elizabete Amorim de Almeida. **Plano de Estágio 3**: Observação de aulas de Filosofia em turmas do ensino médio. Maceió: UFAL, 2014a. Mimeo.

\_\_\_\_\_. **Roteiro de Observação de Aulas de Filosofia no Ensino Médio**. Maceió: UFAL, 2014b. Mimeo.

PIMENTA, Selma Garrido. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática? São Paulo: Cortez, 1997.



PIMENTA, Selma Garido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e Docência**. São Paulo: Cortez, 2004.

RODRIGO, Lúcia Maria. **Filosofia em sala de aula: teoria e prática para o ensino médio**. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.